

A UTILIZAÇÃO DE LIVROS PARADIDÁTICOS COMO RECURSOS NO ENSINO DE GEOGRAFIA ECONÔMICA

Alessandro Francisco Trindade de Oliveira ¹
Pierre Alves Costa ²

RESUMO

O trabalho busca uma abordagem do material paradidático como um recurso para aprofundamento teórico do professor e dos alunos. Porém, mais que um material de leitura, é um material que nos abre um leque de discussões. Foram analisados três livros paradidáticos, que tratam de assuntos relativos à Geografia Econômica, verificando como os conteúdos são abordados e como podem ser trabalhados em sala de aula. A elaboração dos assuntos é feita de forma sistemática, geralmente visando alguns testes como o vestibular, porém os textos podem ser trabalhados como geradores de discussão e podem propiciar uma construção crítica do pensamento geográfico nas aulas. Assim, verificamos que os materiais são uma alternativa no auxílio aos professores com relação ao aprofundamento em Geografia Econômica, e também possuem uma riqueza nos detalhes, maiores que nos livros didáticos.

Palavras-chave: Geografia; paradidáticos; professores; ensino.

INTRODUÇÃO

Esse trabalho traz um estudo voltado à análise do material paradidático como um importante recurso para a preparação das aulas, aprofundamento teórico e especialização do professor e também dos alunos na Geografia Econômica. O conteúdo que escolhemos para reflexão é trabalhado com ênfase no ensino médio e requer bastante reflexão para seu entendimento.

O ensino de Geografia vem passando por transformações desde que essa ciência começou a ser lecionada nas escolas já que nasceu como um conhecimento baseado na observação e diferenciação de paisagens, passando por algumas etapas até chegar a um conhecimento crítico a respeito do espaço. Logo, diversos métodos e modelos foram sendo utilizados ao longo do tempo para se buscar uma forma adequada de se ensinar Geografia.

¹ Geografia na Universidade Estadual do Centro Oeste do Paraná (2011). Pós-graduação (lato sensu) em ensino de Geografia e História pela Faculdade Guairacá (Guarapuava -PR). Mestrando pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), campus de Francisco Beltrão -PR. Realiza pesquisas na área da Geografia Humana com ênfase em Geografia Econômica.

² Doutorado em História pela Universidade Federal Fluminense, Brasil(2009) Professor-pesquisador Adjunto A da Universidade Estadual do Centro-Oeste , Brasil

A UTILIZAÇÃO DE LIVROS PARADIDÁTICOS COMO RECURSOS NO ENSINO DE GEOGRAFIA ECONÔMICA

Essas mudanças se deram ao longo de muitos anos, com o movimento de renovação da Geografia³, que rompeu com a chamada Geografia Tradicional, buscando novos caminhos, novas linguagens, novas propostas e assim dando uma maior liberdade de reflexão e criação aos geógrafos. Mas há muito mais desafios ao profissional da geografia do que somente as mudanças paradigmáticas que a ciência sofreu ao longo do tempo.

As grandes cargas horárias de aulas que alguns profissionais se submetem a trabalhar podem fazer não restar a esses um tempo para se dedicarem a leitura de obras atualizadas dos principais autores da área, ou quando dispõe de tal tempo, muitas vezes não o fazem. Dessa forma, muitas vezes, fica restrita a esses professores a leitura dos livros com cunho didático para trabalhar em sala de aula.

Pensando nesses casos, alguns livros e materiais paradidáticos podem ser bons recursos para aprofundamento teórico do professor e também dos alunos. Assim propomos a análise de três livros paradidáticos referentes à Geografia Econômica, que foram escolhidos aleatoriamente, de uma série chamada “Geografia hoje”, os quais estão auxiliando os professores com relação a um dos conteúdos estruturantes da disciplina segundo as Diretrizes Curriculares da Educação Básica do estado do Paraná (2008), que é a dimensão econômica do espaço geográfico.

O primeiro deles é o livro “Terceiros Mundos” de Laetitia Fernandez, que aborda as características econômicas e sociais dos países periféricos e semiperiféricos, verificando a existência de diferenças nesse grupo de países. O segundo é o livro “Energia para o século XXI” de Francisco Scarlato e Joel Pontin, cujo tema se refere à utilização e produção de energia contemporânea e também às alternativas energéticas para o futuro. Por último, então, verificamos o paradidático “Indústria: um mundo só”, de Pierre Beckouche, no qual é apresentado um panorama da organização industrial mundial, abordando a indústria de alta tecnologia e também a de baixa tecnologia.

Entretanto, primeiramente analisaremos a trajetória do ensino de Geografia, verificando as influências que recebeu ao longo do tempo para termos um panorama de como as transformações nessa ciência moldaram o conhecimento geográfico que temos hoje e como as influências do passado ainda atuam nos materiais didáticos que o professor utiliza atualmente.

1. UMA BREVE TRAJETÓRIA DO ENSINO DA GEOGRAFIA: DAS RAÍZES EUROPEIAS À GEOGRAFIA BRASILEIRA

A geografia, como várias ciências, não tinha essa conotação quando começou a ser estudada, ou seja, não havia sequer geógrafos. Aos filósofos da Grécia antiga são atribuídos os primeiros estudos geográficos e estes preconizavam um ensino muito mais elitista, onde poucos eram contemplados com um ensino de qualidade (CASSAB, 2009).

A conotação da Geografia como ciência moderna foi dada somente pelo também filósofo Immanuel Kant, no século XIX, que lecionou geografia física na Alemanha durante muitos anos. Era uma Geografia que descrevia inúmeros dados trazidos por viajantes, de

³ No Brasil, o movimento inicia-se em 1978, no Encontro Nacional de Geógrafos de Fortaleza (CE). Conforme Spósito (2004). A nível mundial, esse processo de renovação surge no final da década de 1960/início dos anos 1970.

A UTILIZAÇÃO DE LIVROS PARADIDÁTICOS COMO RECURSOS NO ENSINO DE GEOGRAFIA ECONÔMICA

várias partes do mundo. Esses dados eram sistematizados e organizados em grupos de classificação, constituindo uma taxonomia do mundo físico (MOREIRA, 2008).

No desenvolvimento da Geografia europeia ainda podemos citar os trabalhos de Carl Ritter (1779 -1859), Friedrich Ratzel (1844 – 1904), Alexander von Humboldt (1769 – 1859) e Paul Vidal de La Blache (1845 – 1918) que marcaram de vez o lugar da Geografia entre as ciências modernas no século XIX. Dentre as heranças deixadas por esses autores está uma dualidade entre uma ciência cosmológica e regional, configuradas na Geografia Geral e Regional (GOMES, 1996). A partir de então, com caráter positivista, a Geografia se fragmenta, fazendo com que os geógrafos busquem constantemente o seu objeto de unificação, que atenda a todas as funções dessa ciência (SPOSITO, 2004).

O objeto e a finalidade da Geografia tornam-se os objetos de maior discussão, questionando-se até mesmo a eficácia dessa ciência na construção do conhecimento. Essa discussão é levantada por Lacoste (1988), que demonstra toda a importância desse conhecimento na organização dos territórios e diz que a negligência da Geografia nos currículos escolares faz parte de uma ideologia militar de ocultar as informações a respeito do território porque essas informações são estratégicas para qualquer nação.

Lacoste (1988, p. 27) diz ainda que os conhecimentos geográficos precisam de constante renovação, porque o espaço não é estático:

Primeiro porque as “coisas” se transformam rapidamente: se a topografia só evolui muito lentamente, a implantação de instalações industriais, o traçado das vias de circulação, as formas de habitat se modificam a um único ritmo bem mais rápido e é preciso levar em consideração essas transformações para estabelecer as táticas e as estratégias.

Também observa-se, que nem só para fins militares a Geografia era pensada. Ao longo do desenvolvimento capitalista, sobretudo nos países periféricos, a educação de qualidade foi bastante direcionada para as elites, fazendo com que o conhecimento não fosse estendido a todos. O que é contraditório em países que buscam o desenvolvimento educacional, pois de acordo com Vesentini (2001, p.20) é preciso “elevar a escolaridade da população em geral e não somente de uma elite” para a expansão capitalista, fato observado nos Estados Unidos no final do século XX, onde se aumentou o número de aulas de Geografia no ensino médio. Assim entendemos que a Geografia escolar teve sempre, como objetivo, a procura de seu papel na sociedade em mudança, revendo seus métodos e questionando sua finalidade.

Partindo então para o ensino da Geografia no Brasil, percebemos que este foi muito influenciado pelo pensamento europeu dos autores acima citados, e se deu primeiramente no Rio de Janeiro e posteriormente São Paulo. No colégio Pedro II no Rio de Janeiro, antes da criação do curso superior de Geografia na década de 1930, essa disciplina era ensinada juntamente com história, mas por profissionais de outras áreas, como advogados, religiosos, engenheiros, etc. Era baseada em um conteúdo descritivo e enciclopédico, não tendo um caráter científico e crítico (CASSAB, 2009).

Somente na década de 1930 é que surgem no Brasil os primeiros cursos superiores de Geografia, primeiramente na Universidade de São Paulo (USP) em 1934 e Universidade do Distrito Federal (UDF) em 1935, ambas com uma forte influência francesa. De acordo com Cassab (2009) os professores franceses que ganharam maior destaque no Brasil foram Mombeig, Deffontaines e Gabaglia. Tratava-se então uma disciplina com forte influência

A UTILIZAÇÃO DE LIVROS PARADIDÁTICOS COMO RECURSOS NO ENSINO DE GEOGRAFIA ECONÔMICA

positivista e com caráter regional, marcada, sobretudo, pelas ideias de Vidal de La Blache. Essas perspectivas marcaram a Geografia e foram difundidas mais fortemente até o início da segunda metade do século XX, quando a influência teórico quantitativa abre à Geografia uma nova visão, tornando a disciplina mais racionalista e baseada no método da memorização⁴.

Durante a Ditadura Militar no Brasil (1964-1985), a Geografia é retirada dos currículos escolares, sendo substituída pela disciplina de estudos sociais, dado o receio, por parte dos militares, de que ela desenvolvesse um pensamento crítico radical nos alunos. Mas é ainda sob esse regime que a Geografia Crítica ganha força, principalmente nas universidades. Ela passa a analisar o espaço como indissociação da sociedade e a natureza. Na década de 1990, surge também a Geografia pensada pelo viés humanístico e o ensino de Geografia se aproxima da realidade dos alunos, como mostra Diniz Filho (2009).

Atualmente, vemos que a Geografia apresenta uma pluralidade de influências, e também continua construindo o seu modo de pensamento, visto que muitas são as discussões em torno de seus conceitos e temas. Essas influências estão baseadas sobretudo nas correntes geográficas mais recentes, como a Geografia Crítica e a Geografia Humanística. Isso tem enriquecido a ciência, não a tornando estática perante as transformações da sociedade e da natureza.

A partir disso, passamos para a discussão do material paradidático, que hoje é a principal ferramenta para que os profissionais em Geografia continuem difundindo esse conhecimento, que como vimos, foi construído em séculos de pesquisa e de mudança de pensamentos. O material analisado deve fazer parte do trabalho escola, seu conteúdo pode ser utilizado pelos alunos também, apesar de o acesso estar bastante restrito aos professores.

2. O MATERIAL PARADIDÁTICO

O material paradidático é um material pensado para ser um apoio ao professor, em assuntos específicos. Esse pode ser um livro, uma figura, um quadro, um filme ou qualquer outro material que remeta a um assunto de interesse do profissional. Nesse trabalho então abordaremos o material paradidático em forma de livro, que é uma das formas mais comuns de encontrá-lo.

Uma análise do material paradidático pode ser pensada primeiramente na função desse material. Este não é um material de grande aprofundamento teórico, ou seja, não substitui em caso algum as obras de grandes autores da Geografia, necessárias à formação do geógrafo. Porém, no trabalho do professor, que inicia os alunos na ciência, é de grande funcionalidade quando pensamos na abordagem didática de certos conteúdos.

A conexão dos conteúdos dos livros paradidáticos com o trabalho em sala de aula é observado por Gomes (2009, p.2) o qual afirma que o objetivo desse material é:

[...] integrar as discussões em sala com assuntos do cotidiano afim de ampliar o leque de conhecimento de mundo, [e o livro paradidático] não

⁴ A Geografia teórico-quantitativa foi uma corrente com ascensão nas décadas de 1950 e 1960, na qual os métodos quantitativos geográficos agem com métodos numéricos.

A UTILIZAÇÃO DE LIVROS PARADIDÁTICOS COMO RECURSOS NO ENSINO DE GEOGRAFIA ECONÔMICA

pode ser trabalhado apenas no dia da avaliação como algo frio e desconectado ao conteúdo que está atrelado ao planejamento.

Essa integração de que fala o autor deve ser incentivada e mediada pelo professor, que vai aliar os conteúdos do livro com o cotidiano da sociedade. Se o material paradidático for utilizado somente com o cunho avaliativo, podemos agravar um quadro que já é presente nas escolas brasileiras: o desinteresse dos alunos pela leitura. A leitura desse material deve ser despertada nos alunos com o objetivo de que estes aprofundem o seu conhecimento sem a pressão de estar sendo cobrado por aquilo. Porém, reconhecemos que essa é uma tarefa um tanto difícil para os professores, sobretudo na sociedade atual em que as informações chegam às crianças e adolescentes de maneira bastante resumida na televisão e na internet.

É importante lembrar que o material paradidático também pode ser utilizado como aprofundamento teórico por parte do professor, conhecendo mais a respeito de conteúdos que não domine bem. A partir disso é possível ao professor montar uma aula própria, baseando-se nesse conteúdo, mas não o utilizando de maneira única, já que muitas vezes o livro didático e paradidático torna-se o único guia nas aulas. Isso é observado por Campos (2001, p. 1), que observa a maneira como é utilizado o tipo de material discutido aqui, por parte dos professores:

[...] O professor adota um livro e ali encontra tudo: teoria e exercícios devidamente calculados para lhe ocupar todo e somente o tempo de que dispõe, apresentados segundo uma metodologia própria, cuja adequação ao seu trabalho o professor muitas vezes avalia no momento da adoção; por vezes também encontra sugestões de atividades extra-classe e modelos de avaliação. A realização de atividades experimentais, a leitura de um vídeo ou de livros paradidáticos podem ser consideradas quase um avanço, mas deixam de sê-lo quando se observa o modo como são mais freqüentemente trabalhadas: demonstração e comprovação de leis e teorias anteriormente discutidas, no primeiro caso, aplicação de questionário, no segundo. Mapas geopolíticos ou científicos funcionam mais como ilustração da fala do professor que como texto. Assim, mesmo que contemplada alguma variedade, o uso convencional dos materiais pouco acrescenta ao livro didático.

A crítica feita pela autora é direcionada aos professores que não buscam um aprofundamento teórico crítico, baseando-se somente nos materiais que dispõe para o trabalho em sala de aula. Algo que devemos levar em consideração perante as críticas são as grandes cargas horárias de trabalho que os professores se submetem para que tenham uma remuneração razoável. Esse é um antigo problema brasileiro, que necessita de uma mudança, assim como os hábitos profissionais de certos professores que se utilizam de pouca leitura nos assuntos de sua área.

Passaremos então a uma breve análise dos livros paradidáticos específicos de Geografia Econômica, verificando os conteúdos abordados dentro da temática e como pode ser trabalho em sala de aula.

3. A ABORDAGEM DA GEOGRAFIA ECONÔMICA NOS LIVROS ANALISADOS

A UTILIZAÇÃO DE LIVROS PARADIDÁTICOS COMO RECURSOS NO ENSINO DE GEOGRAFIA ECONÔMICA

Para uma primeira análise, verificamos os temas abordados em cada livro pela sua temática principal. Os títulos revelam uma preocupação com a condição dos países e como se dá a produção econômica no mundo. Os títulos são “Terceiros Mundos”, “Energia para o século XXI” e “Indústria: um só mundo”. Vemos então, que a escolha aleatória nos remeteu a importantes assuntos referentes a dinâmica econômica do mundo, enfocando a sociedade contemporânea que nos encontramos.

No paradidático “Terceiros Mundos”, Fernandez (1996), começa a abordagem classificando o que chama de terceiro mundo, conotação que atualmente tem sido substituída por periferia capitalista, visto que muitos autores têm feito críticas a essa separação por “mundos”, reconhecendo que até mesmo entre esses países há grandes diferenças sociais e econômicas. A expressão “terceiro mundo” veio de um demógrafo chamado Alfred Sauvy, que, segundo Lacoste (1991) a colocou pela primeira vez em uma coluna de jornal e posteriormente difundiu em seus trabalhos acadêmicos. A autora da obra coloca então algumas classificações para esse tipo de designação dos países, que passam por indicadores monetários e não monetários, como a qualidade da educação, longevidade, distribuição e produção de renda. Esses elementos vão então ser comparados para a busca de uma classificação social dos países analisados.

Posteriormente passa a apresentar algumas características de certos países periféricos e semiperiféricos, como o grande crescimento demográfico, a distorção na renda dos mais ricos perante os mais pobres, a “evasão de cérebros”, como ela chama a saída de profissionais qualificados do país, a concentração de terras, a grande produção agrícola e a dependência tecnológica na década de 1990.

No segundo capítulo, Fernandez (1996) vem mostrar então a trajetória econômica de algumas regiões do mundo que se enquadram na classificação terceiro mundista. A autora apresenta características da Ásia, da América Latina e da África, e no fim do capítulo mostra algumas tentativas de cooperação entre os países dessa região para buscar juntos soluções para problemas comuns, como a formação de blocos econômicos e outros acordos mediados pela ONU para o combate a pobreza.

O terceiro capítulo, que é o capítulo final, busca uma reflexão a respeito do rumo econômico e social que esses países devem tomar no futuro, destacando a importância de um ambiente de paz e de democracia para a construção de países mais igualitários. Isso é destacado, pois um grande problema de alguns países periféricos é que a condição econômica é agravada por regimes totalitários ou ditatoriais, que preservam uma pequena camada socialmente mais abastada e uma imensa parte da população vivendo em condições de miséria.

Vemos assim que a autora apresenta características macroeconômicas dos países periféricos, buscando evidenciar, apesar da conotação “terceiro mundo”, que essa área apresenta significativas diferenças, a começar pela sua industrialização. Muitos países, sobretudo da América de Sul e do Sudeste Asiático apresentam indicadores econômicos semelhantes e até superiores a de alguns países do “primeiro mundo”, mas devido a grandes desigualdades de renda, se encaixam entre as nações que não alcançaram o pleno desenvolvimento. O objetivo da autora, então, é bem colocado, pois ela demonstra que há países muito diferentes economicamente uns dos outros classificados com uma conotação só, o que necessita de uma mudança.

No segundo paradidático analisado, intitulado “Energia para o Século XXI, os autores Scarlato e Pontin (2002) fazem um apanhado dos recursos energéticos, analisando

A UTILIZAÇÃO DE LIVROS PARADIDÁTICOS COMO RECURSOS NO ENSINO DE GEOGRAFIA ECONÔMICA

sua exploração e utilização pelo homem. Abordam, no primeiro capítulo, a respeito do petróleo e sua influência no desenvolvimento econômico e também nas guerras contemporâneas, como as guerras ocorridas no Golfo Pérsico, que é uma região do oriente médio rica nesse tipo de combustível fóssil.

O capítulo dois, fala de novos paradigmas na política energética e ambiental, visto que há uma maciça utilização de recursos não renováveis e que devem ser paulatinamente substituídos por energia mais limpa. Assim apresenta ao leitor, as alternativas ao sistema de grande utilização de combustíveis fósseis.

Nos dois últimos capítulos, os temas são novas técnicas e novas tecnologias para a produção de energia, associados à nova ordem econômica mundial. Então, organizações internacionais têm tomado iniciativas para se tentar mudar o paradigma exploratório que é ainda é bastante presente no início do século XXI, visto que a sociedade ainda depende das energias que provem de fontes que causam riscos a natureza.

O terceiro livro analisado trata da Indústria, suas especificidades regionais e também a homogeneização que leva aos lugares. A integração técnica do mundo permitiu uma circulação maior das mercadorias, dos capitais e das técnicas, fazendo assim com que a clássica divisão internacional do trabalho se tornasse um fenômeno complexo.

Assim os primeiros capítulos tratam a respeito dos novos espaços industriais, das empresas multinacionais que tornam global o seu espaço de atuação. O ambiente que torna, então, isso possível, é marcado por uma liberalização política, onde essas empresas adentram as diversas regiões do mundo em busca de mão de obra barata, incentivos fiscais e baixo custo de escoamento da produção. Observa-se aí uma tentativa mais básica de entendimento da localização da indústria, que também envolve outros aspectos.

Porém, segundo Beckouche (1995), as indústrias que necessitam de um maior aporte tecnológico continuam localizadas nos países com um desenvolvimento econômico e social mais acentuado. Essas necessitam de profissionais com uma capacitação maior e somente vai encontrá-los no centro do capitalismo mundial.

No terceiro capítulo são apresentadas algumas características da indústria nos Estados Unidos, Japão e Europa. Posteriormente o livro volta-se ao chamado terceiro mundo, no qual revela a formação e a característica da indústria nos tigres asiáticos, na China e nos países que compunham a ex União Soviética. Logo faz-se uma análise de como a indústria mundial se reestruturou em uma nova lógica de localização, pendendo bastante para a Ásia.

Por meio desses livros paradidáticos, que tratam das transformações econômicas e como elas moldam nosso mundo, pode-se adentrar também em uma área mais conceitual da Geografia, como o Meio Técnico-científico-informacional. Esse conceito é trabalhado em várias obras do Geógrafo Milton Santos, mas é abordado com uma linguagem acadêmica e de difícil compreensão em suas obras, quando pensamos na capacidade de interpretação das crianças e adolescentes. Assim, baseando-se nos exemplos dos paradidáticos, esse e outros conceitos podem ser desmistificados para uma melhor compreensão de todos.

4. CARACTERÍSTICAS DOS LIVROS PARADIDÁTICOS VERIFICADOS

Os três paradidáticos que foram descritos no item anterior trazem uma contribuição ao entendimento da Geografia Econômica, com uma linguagem simples, porém um pouco mais elaborada que em um livro didático. Esses podem ser facilmente repassados a alunos

A UTILIZAÇÃO DE LIVROS PARADIDÁTICOS COMO RECURSOS NO ENSINO DE GEOGRAFIA ECONÔMICA

do ensino médio, com um bom domínio da técnica da leitura e da compreensão dos textos, ajudando-os na compreensão de conceitos básicos da ciência geográfica.

Os paradidáticos que serviram para análise apresentam um bom conteúdo, mas necessitam de uma atualização em certos aspectos, o que não desmerece o trabalho apresentado, mas que deve ser observado pelo professor, para que procure conteúdos atualizados, porém de boa qualidade.

O livro de Scarlato e Pontin (2002), “Energia para o século XXI”, tende inicialmente a uma apresentação dos recursos naturais encontrados no mundo e no Brasil, mas logo aborda uma discussão bastante presente na Geografia brasileira nas últimas décadas, a discussão ambiental. Como visto no primeiro tópico que abordava a respeito da Geografia na ditadura militar, os recursos energéticos eram trabalhados como perspectiva de riquezas para o país, sem a preocupação da super exploração. Com a perspectiva de esgotamento dos recursos não renováveis, volta-se então para um debate a respeito da exploração de fontes renováveis.

No livro “Terceiros Mundos”, de Laetitia Fernandez (1996), é apresentado, logo no título, um conceito que a Geografia vem buscando uma modificação, desde o final do Bloco Socialista em 1989. A ciência busca não mais classificar os países em “mundos” separados, mas sim em países centrais e periféricos, ou semiperiféricos. Todas essas análises verificadas pelo caráter econômico, mas também levando em consideração o desenvolvimento humano apresentado.

Com relação ao paradidático de Pierre Beckouche (1995), é bastante enfatizado o que define um país avançado ou atrasado, sendo o tipo de indústria instalado em determinado local a principal característica para essa definição. Quanto maior aporte técnico utilizado, um maior grau de desenvolvimento é atribuído ao país.

Assim vemos que os paradidáticos vêm no sentido de uma classificação para o desenvolvimento econômico dos países e regiões. A Geografia Econômica vai então além do simples caráter locacional da indústria. Passa a definir parâmetros para o desenvolvimento capitalista regional. Para uma continuação desse trabalho, propomos que seja feita uma avaliação desses parâmetros, verificando como a abordagem desses conceitos nos livros influencia a visão dos alunos a respeito do lugar onde vivem e do seu próprio país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com relação ao que se apresentou durante o trabalho, verificamos que os materiais paradidáticos podem ser utilizados como aprofundamento teórico tanto para o próprio professor como também para os alunos. Porém há uma necessidade de uma análise prévia por parte do profissional, a respeito do que o livro trata e como esse deve ser utilizado com os educandos.

Como os livros didáticos abordam, geralmente, com pouca profundidade os conteúdos, deixando essa tarefa ao professor, pensamos que os textos presentes nos materiais paradidáticos devem ser explorados também como alternativa de trabalho. O profissional, dessa forma, não precisa necessariamente cobrar leituras e questões em cima dos textos como forma de avaliação, mas pode utilizá-los como maneira de propor debates nas turmas, lembrando que a leitura do material é um requisito prévio para o desenvolvimento da atividade.

A UTILIZAÇÃO DE LIVROS PARADIDÁTICOS COMO RECURSOS NO ENSINO DE GEOGRAFIA ECONÔMICA

Os livros buscados foram escolhidos aleatoriamente, mas em trabalhos semelhantes a esse, recomendamos que se busque junto as editoras, livros mais atualizados, caso existam referentes a temática. A Geografia Econômica teve um momento de grande debate nos anos 1990, devido as grandes mudanças econômicas ocorridas no Brasil, referentes a planos e medidas de governos de cunho neoliberal que interviam diretamente na vida da população. Assim há uma grande facilidade de se encontrar material com essa temática produzido na época.

O período atual também requer uma reflexão a respeito de como certas medidas econômicas impactam na sociedade. As economias mais avançadas foram abaladas recentemente por uma crise internacional, que foi amena nos países emergentes, fazendo com que a ordem que se tinha até então, em que somente os países mais pobres sofressem com as mudanças econômicas, fosse levemente alterada. Logo esses assuntos devem ser de interesse do professor de Geografia, que apresenta aos alunos como essas mudanças ocorrem e como elas influenciam em suas vidas. Livros mais atualizados provavelmente enfatizam o assunto descrito acima.

Na utilização do material em sala de aula, os debates, coordenados pelo profissional, podem utilizar partes dos textos contidos nos livros e posteriormente promover discussões baseadas nos textos e no conhecimento prévio dos alunos, fazendo com que assim não se “repasse” somente os conteúdos, mas que também o professor seja o mediador na construção de um pensamento crítico no aluno. Outra proposta é a utilização das questões, contidas no final do livro paradidático, geralmente no formato de questões de vestibular, podendo assim ser problematizadas.

REFERÊNCIAS

- BECKOUICHE, Pierre. **Indústria: um mundo só**. São Paulo: ática, 1995.
- CAMPOS, Maria T. R. A. Materiais didáticos e formação do professor. In: Boletim 2001. Disponível em: <www.tvebrasil.com.br/salto>. Acesso em: 01/11/2012.
- CASSAB, Clarisse. **Reflexões sobre o ensino de Geografia**. In: Geografia Ensino e Pesquisa. Santa Maria, v. 13, n. 1, p. 43-50, 2009.
- DINIZ FILHO, Luiz Lopes. **Fundamentos epistemológicos da geografia**. 1 ed. Curitiba: ibpex, 2009.
- FERNANDEZ, Laetitia. **Terceiros mundos**. São Paulo: ática, 1996.
- GOMES, P. S. C. **Geografia e modernidade**. São Paulo: hucitec, 1996.
- GOMES, Daniela C. L. **Paradidático para quê? Repensando o uso desse material**. Revista eletrônica de ciências da educação, Campo Largo, v. 8, n. 2, nov. 2009.
- GOVERNOS DO PARANÁ. **Diretrizes curriculares da educação básica: geografia**. Curitiba: secretaria de estado da educação, 2008. 98 p.
- LACOSTE, Yves. **Contra os antiterceiro-mundistas e contra certos terceiro-mundistas**. Tradutor: Márcia Nogueira de Albuquerque. São Paulo: ática, 1991. 143 p.
- _____. **A geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. 6 ed. Traduzido por Maria Cecília França. Campinas: papiros, 1988.

A UTILIZAÇÃO DE LIVROS PARADIDÁTICOS COMO RECURSOS NO ENSINO DE GEOGRAFIA ECONÔMICA

MOREIRA, R. **O pensamento geográfico brasileiro**. São Paulo: contexto, 2008.

SCARLATO, Francisco C. PONTIN, Joel A. **Energia para o século XXI**. São Paulo: ática, 2002.

SPOSITO, Eliseu S. **Geografia e filosofia: Contribuição para o ensino do pensamento geográfico**. São Paulo: UNESP, 2004.

VESENTINI, José William. Educação e ensino da geografia: instrumentos de dominação e/ou libertação. In: CARLOS, Ana Fani A. (org). **A geografia na sala de aula**. São Paulo: contexto, 2001.

THE USE OF TEXTBOOKS AS RESOURCES IN TEACHING OF ECONOMIC GEOGRAPHY

ABSTRACT

The paper seeks to approach the material paradidatic as an important resource for further theoretical teacher and students. But more than reading material is a material that opens up a range of discussions. We analyzed three books textbooks, dealing with matters relating to Economic Geography, checking how the contents are covered and how they can be worked in the classroom. The elaboration of the issues is done systematically, usually seeking some tests such as university entrance examination, but texts can be worked as generating discussion and can provide a critical construction of geographical thought in class. Thus, we find that the materials are an alternative in helping teachers with respect to deepening in Economic Geography, and also have a richness in detail, larger than in textbooks.

KEY WORDS

Geography; textbooks; teachers; education.

Recebido em 02 de maio de 2013; aprovado em 15 de dezembro de 2013.